

O CAPITALISMO E A SUA DINÂMICA NA MUDANÇA DE HÁBITOS NA LOCALIDADE DE PASSO DOS OLIVEIRAS, 1º DISTRITO DE CANGUÇU-RS¹.

Éder Jardel da Silva Dutra- ej.dutra@bol.com.br²

Solismar Fraga Martins- solismarfm@terra.com.br³

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar a rápida capacidade de estruturação do capitalismo, ao inserir-se na dinâmica de produção da agricultura de caráter familiar. Em um primeiro momento com características de subsistência, que lentamente passou ao caráter comercial, representado pela venda de múltiplos produtos as indústrias conserveiras da região de Pelotas. Para efetivarmos tal estudo, elencamos a localidade rural de Passo dos Oliveiras, situada cerca de 10 quilômetros ao sul da cidade de Canguçu- RS. Com a desestruturação da cadeia conserveira nos anos 90, foi implantada em larga escala a monocultura comercial do fumo, portanto, suprimindo a diversidade de matrizes produtivas. A partir da implantação da fumicultura, entendemos que houve uma intensificação na mudança de hábitos tradicionais, uma vez que as lides com esse produto agrícola exigem dedicação exclusiva do agrupamento familiar, consubstanciado pelas longas jornadas de trabalho.

PALAVRAS CHAVE: Passo dos Oliveiras, agricultura familiar, capitalismo;

¹ Trabalho apresentado no Simpósio de Pós-Graduação em Geografia- SIMPGEO. Santa Maria, maio 2009.

² Mestrando do Programa de Pós- Graduação em Geografia/FURG.

³ Orientador, Professor Dr. do Programa de Pós- Graduação em Geografia/FURG.

INTRODUÇÃO

O Brasil historicamente foi constituído sob uma das mais injustas distribuições de terras e por consequência da renda nacional, que é apropriada por setores minoritários, todavia detentores do poderio político e econômico. Mesmo em contradição com uma das principais características nacionais expressado pelo predomínio do latifúndio estruturalmente improdutivo, algumas áreas por razões históricas sobressaem-se como pólos de difusão e predomínio da agricultura familiar.

O município de Canguçu, mesmo estando situado na chamada metade sul do estado Rio Grande do Sul, lugar de predomínio dos latifúndios destinados a pecuária, ao arroz e atualmente ao cultivo do eucalipto, contradiz o processo homogeneizante, pois as áreas localizadas em especial na Serra do Sudeste tiveram seu processo histórico de formação alicerçado na pequena propriedade.

A colonização e povoamento do Rio Grande do Sul foram tardios, uma vez que comparada a outros locais como o nordeste açucareiro, deu-se de fato com a chegada de excedentes populacionais europeus, imigrantes italianos e alemães. Estes imigrantes aportaram ao longo do século XIX, em alguns núcleos inicialmente pré-estabelecidos como a região do Vale dos Sinos (alemães) e encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul (serra gaúcha) no caso dos italianos.

Canguçu que até meados do século xx, permaneceu relativamente despovoado passa a receber imigrantes (pomeranos, italianos) conferindo uma nova dinâmica ao processo de ocupação ao desbravarem áreas sub-povoadas. Estes colonos inicialmente dedicaram-se a agricultura de subsistência que, entretanto, não conservou suas características originais por muito tempo.

Ainda assim, mesmo com a intensa chegada de elevados contingentes de imigrantes, várias áreas permaneceram relativamente despovoadas, pois os negros e os portugueses que viviam nestas terras, especialmente a chamada metade sul gaúcha, eram insuficientes para darem conta das vastas extensões disponíveis à pecuária. Neste contexto pecuário, as terras que eram dotadas de acentuadas declividades, apresentando restrições ao manejo do gado, não apresentavam naquele momento atrativos que justificassem sua ocupação. A época, as terras onde está situado o atual município de Canguçu, por serem dotadas de muitos declives possuíam escasso contingente populacional.

O MUNICÍPIO DE CANGUÇU

Quando a revolução industrial eliminou a fabricação artesanal dos camponeses e estes tiveram que comprar no mercado os produtos que não produziam, foi deflagrado o processo de transformação da agricultura, bem como do predomínio do capital sobre esta. Num primeiro momento, predomínio do capital comercial e posteriormente, do capital agroindustrial. Pode-se dizer que a transformação se consolidou com a revolução verde nos anos 60 e 70 e se completa com a globalização, (ALTMANN, 1997, p. 25).

Para analisar como o sistema capitalista engendra-se nas relações sociais de uma comunidade rural, essencialmente minifundiária, fomicultora torna-se necessário recorrer ao processo de formação histórica do local. As terras onde está situado o atual município de Canguçu, (Escudo Cristalino Sul Rio-Grandense) eram ocupadas por índios Tapes, daí a denominação “Serra dos Tapes”. Com a posterior ocupação pelo elemento branco (portugueses) os indígenas tiveram seu modo de vida desestruturado, culminando inclusive com a total desaparecimento do grupo Tapes.

O povoamento das terras canguçuenses foi inicialmente bastante disperso com um discreto incremento a partir do ano de 1763, pois durante a invasão do Rio Grande do Sul pelo poderoso exército espanhol, muitos açorianos que habitavam a localidade de Povo Novo, Torotama e imediações, buscaram proteção na então Serra dos Tapes. A partir deste momento muitos destes “fugitivos” passam a viver nas imediações do que atualmente é a cidade de Canguçu.

O primeiro núcleo de imigração para Canguçu, desde 1756 ocorreu entre 1780 e 1800, quando houve a imigração de açorianos, oriundos das localidades de Povo Novo, Mostardas, Estreito e São José do Norte. No início do século XX (1900) o referido município, possuía parte considerável de suas terras subpovoadas, (Bento, 1983 p 53). Todavia, permaneceu com escasso povoamento até meados do século xx, quando passou a receber imigrantes (pomeranos e italianos) conferindo nova dinâmica no processo de povoamento ao desbravarem locais subpovoados. Estes imigrantes inicialmente dedicaram-se a agricultura de subsistência que, entretanto, não conservou suas características básicas por muito tempo, pois passaram a comercializar os produtos provenientes das pequenas propriedades com as indústrias conserveiras que surgiram especialmente na cidade de Pelotas.

O PASSO DOS OLIVEIRAS

A teoria de Marx do crescimento sob o capitalismo situa a acumulação do capital no centro das coisas. A acumulação é o motor cuja potencia aumenta no modo de produção capitalista. O sistema capitalista é, portanto, muito dinâmico e expansível ao criar uma força permanentemente revolucionária, que, incessante constantemente, reforma o mundo em que vivemos. (HARVEY, 2005 p 43).

Por ser um sistema dinâmico o capitalismo possui a capacidade de reestruturar-se ao inserir-se nos diferentes elos produtivos, como no caso da agricultura familiar que constantemente é submetida a novas variáveis as quais não domina.

Mesmo considerando que as particularidades locais e regionais provenientes dos tempos em que agricultura predominava não desapareceram, que as diferenças daí emanadas, acentuam-se aqui e ali, é certo que a produção agrícola se converte num setor da produção industrial, submetida as suas exigências. Crescimento econômico, industrialização tornados ao mesmo tempo causas e razões supremas, estendem suas conseqüências ao conjunto dos territórios, regiões, nações e continentes, (LEFEBVRE, 2002 p 17).

Para que possamos trabalhar com o processo de estruturação do capitalismo em torno da produção da agricultura de caráter familiar, estaremos tecendo algumas considerações sobre o Passo dos Oliveiras ao longo de sua gênese, enquanto importante área rural canguçuense. O município de Canguçu segundo a secretária municipal de agricultura é dividido em 5 distritos, incluindo a sede e perfazendo um total de 3252 Km², distribuídos em 120 localidades. A localidade de Passo dos Oliveiras, tem esse nome devido a um dos mais antigos proprietários de terras do local chamar-se Diogo Oliveira. Até por volta de 1930 era bastante despovoada, pois a ligação com a sede era feita de maneira muito precária, uma vez que a estrada vicinal que existe na atualidade, naquele momento era apenas um caminho irregular.

Após a década de 30 começaram a aportar os primeiros colonos alemães, que se dedicaram a policultura e a criação de animais para subsistência (porcos e aves). Ao longo das décadas posteriores 40, 50 e especialmente nos anos 60 quando houve a abertura da estrada do IBRA, os agricultores passaram a produzir para as indústrias conserveiras instaladas na região de pelotas. Os produtos oriundos da agricultura familiar (aspargo, morango, tomate, laranja, figo, ervilha) foram responsáveis por conferir grande incremento a economia canguçuense gerando muitos empregos no campo.

A égide da cadeia conserveira perdurou durante

muitos anos, possibilitando a geração de muitos postos de trabalho nos diferentes elos produtivos. Todavia, em decorrência de uma série de fatores representados pela abertura econômica, em razão da implantação ao longo dos anos 90 das políticas ancoradas nos pressupostos do neoliberalismo, este importante ramo produtivo sofreu forte retração.

Com a retirada dos incentivos fiscais a cadeia conserveira do estado do Rio Grande do Sul foi perdendo espaço no mercado nacional e internacional restando atualmente apenas algumas plantas industriais, com forte automação. Em razão da desestruturação da cadeia produtiva referida muitos produtores ficaram sem colocação para os produtos oriundos de suas propriedades, obrigando muitas famílias a migrarem para a cultura comercial do fumo, como alternativa momentânea capaz de garantir a sobrevivência do produtor no campo.

A partir da década de 90, o fumo que já era cultivado em pequena escala passa a preponderar, constituindo-se em uma cultura economicamente viável na pequena propriedade familiar, em razão da assistência técnica especializada, programas de incentivo, sistema integrado de produção que viabilizam não só a existência da fumicultura, bem como de sua expansão em área cultivada e volumes de produção.

Na localidade em questão, atuam grandes empresas do setor fumageiro com os nomes fantasia Souza Cruz S.A. Universal Leaf Tabacos e Dimon que possuem grande número de produtores no denominado sistema integrado de produção. Entre os muitos fatores existentes que facilitam a expansão da fumicultura estão presentes as garantias de compra da produção auferida, conjugado com o crédito disponibilizado aos pequenos produtores via agentes diretos das fumageiras.

A VIDA SOB A ÉGIDE DO CAPITALISMO

O agrupamento tradicional próprio da vida camponesa, a saber, a aldeia, transforma-se; unidades mais vastas o absorvem ou o recobrem; ele se integra a indústria e ao consumo dos produtos dessa indústria, (LEFEBVRE, 2002, P 17).

Por estarmos tratando de uma comunidade rural, situada em um raio aproximadamente de 10 quilômetros da área urbana do município de Canguçu, torna-se necessário que recorramos ao modo de vida dessas pessoas. Basicamente todos os moradores possuem uma ligação direta ou indireta com a cultura do fumo, o que exige a aplicação intensa de mão de obra da própria família.

Ao longo do ano, os meses de janeiro, fevereiro,

março, são destinados a colheita do produto na lavoura, posteriormente abril, maio, junho, são os meses destinados a separação e o enfardamento visando à comercialização. Já nos meses de julho, agosto, setembro, normalmente é feito o preparo da terra, visando à nova safra. Nos meses restantes, outubro, novembro e parte do mês de dezembro, ou até mesmo todo o mês são feitas as capinas, a capação, ou seja, todos os cuidados indispensáveis ao desenvolvimento de uma planta saudável e que por sua vez possua aceitação no mercado internacional.

Todas as atividades de manejo da cultura do fumo, independente da fumageira, são acompanhadas por assistência técnica especializada, fornecidas pelas próprias fumageiras. A cultura do fumo exige muita dedicação, portanto as jornadas de trabalho superam 12 horas diárias de atividades. Logo, a disponibilidade de tempo é bastante reduzida para outras atividades, assim as tarefas tradicionais e hábitos utilizados por gerações passam a desaparecer rapidamente.

Atualmente, basta uma análise do lixo produzido pelas residências, pois não há coleta de resíduos sólidos como na área urbana, para que percebamos a enorme quantidade de produtos industrializados consumidos, que outrora eram produzidos na própria residência. São embalagens de doces, frango, manteiga, biscoitos, enfim uma gama de produtos como as roupas que em um tempo mais remoto, eram confeccionados na própria residência e agora se tornam inclusive antieconômicos, pois somado o tempo necessário à elaboração de um determinado produto, mais os insumos necessários ultrapassam em muito o preço pago pelo “mesmo produto” além de exigirem um tempo que as pessoas dessa localidade não dispõem mais. Deste modo, é a sociedade urbana capitalista, que orienta o modo de vida de todos os indivíduos do planeta, em decorrência das mudanças serem tão rápidas, ao criarmos um sistema econômico que se torna perverso e a partir daí, ele passa a dominar as relações sociais.

Chayanov diferentemente de Lênin, não fala em desenvolvimento do capitalismo, mas sim em penetração do capitalismo no campo. Não é o capitalismo que se desenvolve no campo destruindo o que antes dele existia. São sim capitais tomando conta das estruturas já existentes na agricultura, sociabilizando-as, fazendo-as partes integrantes do grande grupo econômico, (ABRAMOVAY, 1992, p.68).

Constatamos que a evolução “do mundo urbano” não conhece limites, na verdade podemos falar da evolução do mundo do capital que possui a capacidade de penetrar os mais variados recônditos do planeta. Quando fazemos uma análise mais criteriosa do processo de expansão do capitalismo moderno,

vemos o quão “perfeito” é o modelo utilizado pelo sistema, operacionalizado por grandes grupos econômicos, mundiais no caso da fumicultura. Se não, vejamos a Philip Morris que opera no Brasil com o nome fantasia Souza Cruz, possui ações transacionadas na bolsa de valores de Nova York.

Dentro do pretendido, analisemos como estes grandes grupos que são a essência do capitalismo geram as necessidades de consumo. Na representativa localidade canguçuense, que é o Passo dos Oliveiras, as grandes fumageiras fornecem todo o conhecimento técnico, visando aumentar a rentabilidade do produtor e por conseqüência permitindo que este agricultor familiar disponha de capital, mesmo que não sejam grandes valores quando trabalhados individualmente. No entanto, sabemos que estes grandes grupos atuam em distintos setores produtivos (alimentos, química, transporte, vestuário, financeiro). Ao permitirem que um pequeno produtor se insira economicamente, possibilita a existência de um consumidor potencial que por sua vez poderá comprar ou não produtos financiados pelo capital de um grupo que poderá ser o próprio Philip Morris.

Ao possibilitar-se a inserção produtiva de comunidades rurais, o que está posto antes de tudo é a geração de consumidores potenciais. Aos poucos estes cidadãos vão relegando hábitos tradicionais por um novo modo de vida, que é essencialmente calcado em valores como o individualismo e a competição, e são vendidos pelos meios de comunicação como “bons, modernos” devendo de acordo com este modelo pre-estabelecido ser cultuados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Massey citado em Heidrich (2000, p 51) diz que o processo de acumulação capitalista engendra o abandono de algumas áreas e a criação nelas de reserva da força de trabalho, a inserção de outra áreas para novos ramos de produção e a reestruturação da divisão do trabalho e das relações de classe em seu conjunto.

O município de canguçu caracterizou-se historicamente pelo predomínio da agricultura de caráter familiar, uma vez que a partir desse modelo produtivo, houve de fato o povoamento de vastas áreas circundantes a cidade. O modelo de agricultura caracterizado como de subsistência não perdurou por muitos anos, pois rapidamente os agentes do sistema encarregaram-se de possibilitar uma nova inserção através da solidificação do ramo conserveiro.

O debate em torno do destino dos pequenos produtores e do papel da pequena produção no desenvolvimento (inserção) capitalista da agricultura

tem gerado muita controvérsia sobre conceitos de campesinato e sua diferenciação, processos de integração, tendências à permanência ou desaparecimento. (DELGADO, 1985, p. 179)

Ao avançarmos na análise, ousamos dizer que a situação posta não é a desaparecimento do campesinato, mas sim de um modo de vida tendente a homogeneização, no qual os interesses são sempre exógenos, não geridos no seio daquela comunidade por seus protagonistas, que estão submetidos a uma ordem teoricamente distante, mas que na verdade está muito próxima.

A previsão de Marx de que a grande empresa capitalista se generalizaria na agricultura, tanto quanto na indústria, possui ao menos uma virtude histórica: as formas de produção familiar existentes em seu tempo exprimiam, antes de tudo, sobrevivências de um passado que o desenvolvimento capitalista se encarregaria mais ou menos rapidamente, mas inelutavelmente, de remover. (ABRAMOVAY, 1991, p. 129)

O que Marx não podia antever que estava totalmente fora de sua perspectiva teórica, é o que o extermínio social do campesinato não significaria fatalmente a eliminação de qualquer forma de produção familiar como base para o desenvolvimento capitalista na agricultura. (ABRAMOVAY, 1991, p. 29)

Ao contrário, o sistema vigente ratifica o processo de solidificação da agricultura familiar, visando sua inserção produtiva, objetivando a geração de consumidores potenciais. A ideologia do capitalismo é bastante clara “tudo é mercadoria”, portanto passível de gerar mais capital, realimentando o ciclo produtivo e permitindo a sua eterna reprodução.

A situação posta é de um novo tipo de agricultura que conserva suas características de pequena de produção, mas orientada a partir de variáveis macro-econômicas, que contemplam um novo processo homogeneizante, onde o fator primordial é o mercado, com sua irrevogável lei da oferta e da procura.

A vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais: artesanato, pequenos centros que definham em proveito dos centros urbanos (comerciais, industriais, redes de distribuição, centros de decisão, etc.) As aldeias se ruralizam perdendo a especificidade camponesa. Alinham-se com a cidade, porém resistindo às vezes, ou dobrando-se ferozmente sobre si mesmas. (LEFEBVRE, 2001, p. 69)

O capitalismo por ser um sistema que possui na sua gênese a capacidade de auto-regeneração tem a capacidade de penetração em distintos setores produtivos, possibilitando a existência de

modificações estruturais. Incluído-os ou relegando a um plano secundário atividades que não representem a oportunidade de maximização de lucros. Ao inserir produtivamente a pequena propriedade, as mudanças são muito intensas dificultando inclusive a retomada da diversidade produtiva, tendo em vista uma série de fatores como a especialização produtiva, que acarreta um conjunto de variáveis de difícil solução, ao destruir uma das máximas da agricultura familiar representada pela diversidade de matrizes produtivas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do Capitalismo agrário em Questão. Campinas: Hucitec, 1992.

ALTMANN, Rubens. A agricultura familiar e os contratos. Florianópolis: Palloti, 1997.

BENTO, C.M. Canguçu: Um exemplo de Reconstituição da Memória Comunitária. Porto Alegre: IEL, 1983.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margarete de Castro Afeche Pimenta. 2º Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CHIZOTTI, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DELGADO, Guilherme da Costa. Capital Financeiro e Agricultura no Brasil 1965-1985. São Paulo: Ícone, 1985.

Exército brasileiro. Cartas topográficas. Folhas 3010- 4 e 3019- 2 1: 50000

GORENDER, J. Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. Tradução: Carlos Szlak. 1º ed. São Paulo: Anna Blume, 2005.

..... Condição Pós-Moderna. 7º ed., São Paulo: Loyola, 1998.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho. Porto Alegre: EDURGS, 2000.

HOFMEISTER, WILHELM (org). Política social internacional: Conseqüências sociais da globalização. Tradução: Jutta Gruetzmacher, et al. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer- Stiftung, 2005.

LEFÉBVRE, Henry. A revolução urbana. Tradução: Sérgio Martins. Belo horizonte: Ufmg, 2002.

..... O Direito à Cidade. (trad.) Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LAMARCHE, Hugues (coord). A agricultura familiar: comparação internacional. Tradução: Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas: UNICAMP, 1993.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito antropológico. 5º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LIMONAD, Éster (org.). Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante: Contribuições a partir da obra de Henry Lefebvre. Niterói: UFC, Gecel, 2003.

MARCONI, Marina De Andrade; Lakatos, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 4ªed. São Paulo: Atlas, 1999.

NEVES, Ilka. Canguçu - RS. Primitivos Moradores. Primeiros Batismos. Pelotas: EDUFPEL, 1998.

PESAVENTO, S.J. História do Rio Grande do Sul. 4º ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SIMCH, T.L. Produção Familiar na Agricultura: Um exemplo de Tipologia no Município de Canguçu - RS. [Tese de Doutorado] Pelotas: EDUFPEL, 2002.

TEDESCO, João Carlos. Agricultura Familiar: Realidades e Perspectivas. 3º ed. Passo Fundo: EDUPF, 2001.
